

HELOISA PRIETO E VICTOR SCATOLIN

O livro da paz

Leitor fluente – 6º e 7º anos do Ensino Fundamental

PROJETO DE LEITURA

Elaboração: Luísa Nóbrega
Coordenação: Maria José Nóbrega

Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?*¹

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpece-nos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam coisas futuras.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

*“Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer.”*²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das rela-

ções interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que

pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos linguísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero:
Palavras-chave:
Áreas envolvidas:
Temas transversais:
Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

♦ nas tramas do texto

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas etc.

♦ nas telas do cinema

- Indicação de filmes, disponíveis em DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

♦ nas ondas do som

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

♦ nos enredos do real

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ▶ do mesmo autor;
- ▶ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ▶ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.

HELOISA PRIETO E VICTOR SCATOLIN

O livro da paz

Leitor fluente – 6º e 7º anos do Ensino Fundamental

UM POUCO SOBRE OS AUTORES

Heloisa Prieto

Heloisa Prieto já publicou cerca de 70 títulos voltados para jovens e crianças. Suas obras têm sido adaptadas para o teatro, o cinema e a televisão. Premiada pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, pela Câmara Brasileira do Livro e pela União Brasileira dos Escritores, teve contato com as narrativas orientais desde a infância. Tradutora, organiza coleções em diversas editoras e ministra oficinas em parceria com Victor Scatolin em instituições como Sesc, Sesi, CBL, Colégio Vera Cruz, entre outras. É mestra em comunicação e semiótica, doutora em literatura francesa e pesquisa narrativas de sabedoria oriundas de diferentes tradições.

Victor Scatolin

Victor Scatolin, também conhecido como Walter Vektor, é poeta e tradutor. Já traduziu poetas como Ezra Pound, E. E. Cummings, James Joyce, Chyio-Ni, Velimir Khlebnikov e Friedrich Hölderlin. Junto de Heloisa Prieto desenvolveu traduções e adaptações de autores como Júlio Verne, Walter Scott e William Hodgson. Atualmente, é mestrando em Poéticas Visuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

RESENHA

O livro da paz nos apresenta uma pequena coletânea de contos e poemas que compõem o *Jataka*,

um conjunto milenar de 547 poemas que se referem às vidas anteriores de Sidarta Gautama, o Buda, muitas vezes sob a forma de um animal, e que são apresentadas pelos tradutores/organizadores como reflexões que nos levam a pensar o que pode ser a paz.

Enquanto Heloisa Prieto adapta e reconta os contos de modo a aproximá-los do jovem leitor, Victor Scatolin traduz sete pequenos poemas mantendo seu aspecto enigmático. Essas antigas histórias convidam-nos a adentrar um imaginário muito distinto do nosso: tratam-se, em sua maioria, de narrativas simples, porém pungentes, repletas de imagens inusitadas: uma tartaruga escapa por pouco de ser morta injustamente, um rato descobre o artifício que o lobo usava para devorar outros ratos, um ganso dourado se desfaz de suas penas para ajudar uma mulher faminta, um macaco perde todas as favas que tinha conseguido pela avidez em resgatar apenas uma, um ancião descobre que vale mais a pena ajudar animais do que salvar um príncipe...

Embora essas narrativas tenham semelhanças com as fábulas, o ensinamento que propõem é por vezes menos direto, mais multifacetado e sutil. Em quase todas, encontramos um dilema ético: seguir conquistando ou aquietar-se, cumprir ou não o que se prometeu, proteger-se ou arriscar-se, pedir ajuda ou arranjar-se sozinho. Enquanto as narrativas do Ocidente costumam valorizar o heroísmo individualista, o pensamento oriental parece privilegiar a quietude interior, a fidelidade aos próprios princípios e a colaboração com os outros; a ambição, a avidez e a busca por acumular conquistas podem ser entendidas como uma fraqueza. Mais do que a capacidade de permanentemente provar que se pode ir além de si próprio, é a capacidade de vergar-se ante a dificuldade ou o infortúnio que, para os orientais, é sinônimo de força.

Os pequenos poemas, por sua vez, em poucos versos de sonoridade sutil e marcante, apresentam um tom às vezes severo, às vezes mais brando, mas sempre exigente, compelindo o leitor à moderação, à introspecção, à paciência e à serenidade diante das muitas oscilações da vida. Talvez o único caminho para a paz seja a descoberta de que aquilo que chamamos de nossa individualidade nada mais é do que uma casca

frágil, estratificação momentânea de um caráter em transformação constante.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: contos e poemas tradicionais.

Palavras-chave: mitologia, tradição, paz, sinceridade, traição, lealdade, humildade, moderação.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, História.

Tema transversal: pluralidade cultural.

Público-alvo: leitor fluente (6º e 7º anos do Ensino Fundamental).

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Chame a atenção para o subtítulo do livro: *contos e poemas orientais*. O que os alunos entendem por Oriente? Que imagens e características lhes vêm à mente quando pensam no Oriente? Mostre aos alunos um mapa-múndi e proponha que prestem atenção na divisão entre os dois hemisférios – que países se encontram do lado de lá, que países do lado de cá?
2. Veja se os alunos reconhecem a ave representada na capa do livro. O que a escolha da águia, animal forte, permite pensar a respeito da concepção de paz que o leitor vai encontrar?
3. Chame atenção para as imagens circulares com flores que abrem as seções que organizam o livro. Comente com os alunos que elas representam as flores de lótus, detentoras de um simbolismo muito forte na cultura indiana, evocando ciclos de morte e renascimento. Explique também que imagens circulares como essas – chamadas de mandalas – são instrumentos de meditação, evocando a unidade entre espaço e tempo, indivíduo e cosmos, bem como a possibilidade de entrar em contato com a eternidade ainda em vida. Veja se percebem que, não importa a posição do livro, a imagem das mandalas continua a mesma.
4. Sugira que leiam o texto da quarta capa e proponha que discutam a frase em destaque: “Coração que não cansa a paz alcança”. O que essa afirmação aparentemente contraditória pode querer dizer?

5. Mostre aos alunos as dedicatórias de Heloisa Prieto e Victor Scatolin e estimule-os a utilizar a internet para descobrir o sentido das palavras estrangeiras ali presentes: *bodisatva*, *sítar*, *ukyo*, *darma*.

6. A página 7 faz menção ao *Manifesto 2000*, da Unesco, elaborado por laureados com o Nobel da Paz, que se encontraram em Paris para o aniversário de 500 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Traga cópias do manifesto, disponível no link <http://ow.ly/u7t9304qjWJ>, para ler com a turma.

7. Leia com os alunos a apresentação do livro, que esclarecerá que os contos e poemas que estão prestes a ler foram retirados do *Jataka*, uma coletânea milenar dividida em seis volumes, alguns dos mais antigos textos literários associados aos ensinamentos de Sidarta Gautama, o Buda, e originalmente escritos em páli, uma versão simplificada do sânscrito criada por Gautama para difundir seus ensinamentos. Em seguida, assista com eles à animação <https://www.youtube.com/watch?v=UD1Xqu5coWc>, da série *Religiões do mundo*, que lhes permitirá saber um pouco mais a respeito da tradição e da trajetória de Buda.

Durante a leitura

1. Diga aos alunos que procurem compreender de que maneira o tema da paz e os princípios de Buda, de acordo com a animação a que assistiram, se fazem presentes nos diferentes contos do livro.

2. Na apresentação do livro, os autores comentam: “É comum associarmos animais a determinadas emoções: o leão à ira, por exemplo, o cão ao afeto incondicional, o touro à teimosia etc”. A que características humanas os animais presentes nesses contos podem ser associados?

3. Proponha aos alunos que verifiquem se algumas das narrativas do livro fazem com que se lembrem de outras que conhecem.

4. Chame a atenção dos alunos para o uso das cores na diagramação do livro: que critérios a ilustradora utiliza para decidir se determinado texto aparecerá em preto ou colorido?

5. Estimule-os a atentar para as belas ilustrações de Laurabeatriz, procurando perceber a relação que existe entre texto e imagem.

6. Como os poemas ao final do livro são curtos, enigmáticos e possuem uma sonoridade marcante, seria interessante lê-los em voz alta em conjunto e reservar um tempo para discutir possíveis interpretações para cada um deles.

Depois da leitura

1. O título da apresentação de Victor Scatolin para sua tradução dos poemas do *Jataka* é *Man-tradução*: chame a atenção de seus alunos para o trocadilho. Será que os alunos sabem em que consiste um mantra? Estimule-os a pesquisar sobre o assunto e a escutar mantras cantados no YouTube.

2. A respeito dos poemas, Scatolin comenta: “Os poemas aqui traduzidos não são corpos soltos no branco da página, como poemas eventualmente são. São versos ditos ao final de cada uma das historinhas, parecidos com nossas morais fabulares”. Selecione algumas fábulas de Esopo e La Fontaine para ler com a turma e estimule os alunos a compará-las com os textos do livro. Chame especial atenção para a moral da história. Por que Victor Scatolin comenta que os poemas do *Jataka* possuem “um outro tom, uma outra cor, talvez”?

3. Os autores do livro optaram por apresentar os poemas e as narrativas em separado, sem que haja uma correspondência entre uns e outros. Desafie seus alunos a escrever um pequeno poema curto que poderia servir de *moral da história* para um dos contos da primeira parte e a escrever um conto protagonizado por animais, à maneira dos contos do livro, cuja “lição” poderia corresponder a um dos pequenos poemas.

4. Ainda na apresentação dos poemas, o autor faz referência a duas obras clássicas da tradição árabe: *As mil e uma noites*, texto anônimo, e o *Rubaiyat*, de Omar Khayyam. Proponha aos alunos que pesquisem um pouco mais a respeito desses dois textos. Se possível, traga alguns fragmentos para ler com a turma. Comente que a história de *Aladdin*, que eles provavelmente conhecem por conta da adaptação pela Disney, é originalmente um conto de *As mil e uma noites*.

5. Para que os alunos conheçam um pouco mais a respeito do budismo, suas diferentes traduções e sua presença em diferentes partes do mundo, leia

com eles a seção dedicada aos seguidores de Sidarta Gautama em *O livro das religiões*, de Jostein Gaarder, publicado pela Companhia das Letras.

6. Ozamu Tezuka, um dos *mangakás* (autores de *mangás*, tradição japonesa de quadrinhos) mais influentes de todo o mundo, criou uma célebre série inspirada na trajetória de Sidarta Gautama, *Buda*, mesclando elementos das narrativas tradicionais com elementos fictícios de modo bem-humorado, criando episódios de aventura ao mesmo tempo que faz uma crítica ao desigual sistema de castas, que causava tanto sofrimento na Índia que Buda conheceu de perto. Proponha uma leitura do primeiro volume com a turma, chamando atenção para o fato de que os *mangás* são lidos da direita para a esquerda, e não da esquerda para a direita, como os quadrinhos a que estamos acostumados.

7. Assista com a turma ao belo documentário *Himalaia caminho do céu*, da Discovery, dirigido por Marianne Chaud, que acompanha a vida cotidiana de um pequeno (e sábio) monge budista de oito anos de idade, que aos cinco anos se lembrou de que era a reencarnação de um monge de 68 anos e decidiu deixar sua família para ir viver no monastério a que pertencia no Himalaia.

DICAS DE LEITURA

► dos mesmos autores

Lá vem história, de Heloisa Prieto. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

Divinas aventuras, de Heloisa Prieto. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

1001 fantasmas, de Heloisa Prieto. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

O estranho caso da massinha fedorenta, de Heloisa Prieto. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

No meio da multidão – como encontrar seu poema, de Heloisa Prieto e Victor Scatolin. São Paulo: Edelbra.

► do mesmo gênero

Contos de fadas russos. Organização de Aleksandr Afanas'ev. São Paulo: Landy.

Contos de fadas indianos. Seleção de Joseph Jacobs. São Paulo: Landy.

O mundo dos contos e lendas da Hungria. Organização de Elek Benedek. São Paulo: Landy.

Contos populares da Angola. Organização de Viale Moutinho. São Paulo: Landy.

Contos de fadas celtas. Seleção de Joseph Jacobs. São Paulo: Landy.

